

MANOEL PEREIRA SOBRINHO

249.
2526

O VALENTÃO do MUNDO



261.
P-225

262
P-230

SERGIO

MANOEL PEREIRA SOBRINHO

2210
2
2211



O Valentão do Mundo



Suspiros de um Sertanejo

© Copyright 1959 — Editora Prelúdio Limitada
São Paulo — Brasil

Reservados à Editora todos os direitos de propriedade
literária e artística

Registrado na Biblioteca Nacional sob o N.º 12.241



EDITORA
 **Prelúdio** L^{DA}

RUA IPANEMA, 772 - FONE: 9-1374
SÃO PAULO

MANOEL PEREIRA SOBRINHO

O VALENTÃO DO MUNDO



História de um homem aventureiro que desconheceu o medo; caçador exímio e cheio de coragem indomável. Isto passou-se na Índia, no tempo do reino encantado. Aventura, sofrimento, luta e desencanto.

Grande Deus, Mestre dos mestres
Com vosso poder fecundo
Dai-me santa inspiração
Em menos de um segundo
Para rimar os meus versos
Sôbre o Valentão do Mundo.

Deus, o divino arquiteto
Com sua soberania
Fez o mundo e deu ao homem
E disse que a covardia
Não deveria existir
Pois, a êle não servia.

Portanto, há necessidade
Do homem ser bem forçoso
A fim de ser respeitado
Como pai, chefe ou espôso;
Porque o poder foi dado
Por Deus, o pai poderoso.

E como o homem é um homem
De um homem vou contar
Uma história interessante
Para o mundo admirar
E também ficar sabendo
Que um homem pode mandar.

Valentão do Mundo era
Por todos apelidado
Devido suas bravuras
E por não ser assombrado
Lutou, venceu, triunfou
E nunca foi derrotado.

Pegava tigre e pantera
Fôsse de noite ou de dia
Pegava leão à unha
Entrava em tôda porfia;
A fera mais temerosa
No murro dêle caia.

Tinha a resistência de Hércules
Tinha a fôrça de Sansão;
Com murro matava bobo,
Pegava cobra à mão;
Montava no canguçú
E mandava o cinturão.

Bateu-se com campeões
Lutou e não foi vencido;
Tinha o braço de torpêdo
Quando solta o estampido
Quem fôsse lutar com êle
Achatava o pé d'ouvido!

Na instrução corporal
Ele tinha agilidade
Parece que tinha mola
Também eletricidade;
Era o espêlho das lutas
Que se mira a humanidade!

Valentão do Mundo, um dia
Saiu só, sem camarada
Para caçar n'uma serra
Agreste e desabitada;
Muniu-se de boas armas:
Fuzil, punhal e espada.

Êle entrou naquela serra
Por entre a verde folhagem
Em dez dias de caçada
Numa tremenda viagem;
Num rochedo êle sentou-se
Contemplando a paizagem.

Viu na garganta da serra
Paralelos, corredores
Formados pela ramagem
Com bonitos esplendores
Viu as abelhas silvestres
Sugando o netar das flôres.

E via na serra as árvores
Ao vento se balancavam
Nos confins do horizonte
As centelhas se alongavam
As cachoeiras gemiam
E os passarinhos trinavam.

Ouvia-se nas quebradas
Os rugidos dos leões;
Bulia pela folhagem
O sôpro das virações
Erguiam-se os remoinhos
Como pequenos tufões.

Nas pedreiras escarpadas
Daquela tremenda serra
Tinha letras desenhadas
Para embelezar a terra
Feitas pela natureza
Que todo mistério encerra.

Valentão do Mundo a tudo
Com o seu olhar sereno
Contemplava de persi
Os detalhes do terreno
Dizendo: Abaixo de Deus
Tudo prá mim é pequeno.

O mundo é pura ilusão,
E' coisa bem conhecida;
Morre a fera mais valente
Por motivo de ter vida;
Nem todo caminho é certo
Nem tôda lei é cumprida.

Deus me fez como senhor
Desta grande criação
Me doou inteligência
Prá minha orientação
Só devo temer a Êle,
Tudo o mais é ilusão.

Dormiu nosso Valentão
No deserto panorama;
Das fôlhas fez cobertor
Da fria relva fez cama
Para no dia seguinte
Começar o seu programa.

Assim que o dia surgiu
Êle contemplou a paisagem
Cortando a mata sombria
Por sôbre a densa folhagem
Sem ter um sinal de mêdo
Seguiu a sua viagem.

Nasceu sorridente o sol
Banhando de luz o monte;
Valentão do Mundo, olhou
Contemplando o horizonte.
Ali descansava um pouco
Na macega duma fonte.

Em linda pedra, à direita,
Viu um bonito letreiro
Feito em diamante azul
Num idioma fagueiro
Que só estava de acôrdo
Com um homem aventureiro.

“A princesinha Edileusa
Com suas duas irmãs
Estão aqui encantadas
Há milhares de manhãs
Nestes terríveis penhascos
Sôbre as orlas destas chãs”.

“Vê-se adiante uma seta
Onde tem que se passar
Em um portão de metal
Para se desencantar
A princesa e as irmãs
Prá grande prêmio ganhar”.

“Logo que passa o portão
Tem uma estátua bonita
Na frente tem u'a fada
Em outra estátua maldita
Mais tarde dá-se num monstro
Com a presença esquisita”.

“Edileusa ali está
Na unha dêsse feral
Monstro e grande lutador
Com vocação para o mal
E quem fôr lutar com êle
Se benza o pelo sinal”.

“Si a fada despertar
Em movimento instantâneo
Se move um morro de pedras
De incomparavel tamanho
E imediatamente
Fecha-se o subterrâneo”.

“A fada pega a princesa
Com as irmãs e retira
Quem entrou, morre ali mesmo
Aperreado e de ira
Nem o próprio satanaz
A alma dêle não tira”.

Valentão do Mundo, leu
Gravou tudo na memória
Disse a si: Eu vou tentar
Ou morro ou trago a vitória;
Si voltar trago a donzela
Si morrer eu terei a glória.

Bateu logo mão às armas
Protegido de Urânio
Destro como bomba elétrica
Em movimento instantâneo
Quando bateu no portão
Abriu-se o subterrâneo.

Valentão do Mundo, entrou
E o portão se fechou
Retiniu uma corneta
Um monstro se apresentou
Dizendo prá Valentão:
Espere lá que já vou!

Rangindo o dente avançou
Com sua espada moderna;
Valentão se desviou
Jogou-lhe o ferro na perna
Que saiu fogo azulado
Icendiando a caverna.

Valentão disse ao monstro:
Chame dois ou chame três
Eu estando azuretado
Brigo até com dezesseis
E se você já foi morto
Hoje eu lhe mato outra vez!

O monstro investiu, berrando
Com a boca de dragão;
Valentão bem aprumado
Desceu-lhe o espadagão
Que pelo corte êle viu
O bofe e o coração!

O monstro aí se sumiu
Numa terrível destreza
Valentão ouviu um choro
Mas não pôde ter certeza
Que fôsse do monstro exquisito
Que conduzia a princesa.

Nisso, Valentão do Mundo
Ouviu uma voz dizer:
Quem se arriscou, perder a vida
E redobrou meu sofrer
Êle meditou um pouco
No que devia fazer.

Valentão viu um rodízio
E acendeu uma luz
De súbito em sua frente
Ficou suspensa uma cruz
E uma voz disse: Passe
Que bom guia te conduz!

Êle vendo a cruz suspensa
Ligeiramente pulou;
Disse uma voz: Corre, pega!
Outra voz disse: Passou...
Nessa hora a cruz desceu
E à caverna fechou.

Quando fechou-se a caverna
Outra luz apareceu
Um luxuoso aposento
Em sua frente se ergueu
Igual um jardim dourado
Que a tudo resplandeceu.

Êsse lindo quarto era
Onde a princesa vivia
Parecia um paraíso
Onde reina a alegria
Ou o aposento santo
Que vive a Virgem Maria.

No aposento êle viu
Dela sorrindo um retrato
Nos pés do mesmo um letreiro
De ouro feito o ornato
Dizendo: "Fui conduzida
Pelo feiticeiro ingrato".

"No reino do Monte Pindo
Em garça estou transformada
Porém, para lá chegar
A viagem é demorada
Pois, além de ser difícil
E' de mais embaraçada".

"Em um coche de tribuno
Você tem que viajar;
Na casa da deusa Juno
E' obrigado passar
Pedir licença a Netuno,
O imperador do mar".

"Passa no túmulo de Hércules
No primeiro Macabeu
No mausoléu muito lindo
Onde Judite morreu
E é preciso banhar-se
Nas águas do rio Alfeu".

Valentão adormeceu
Ali mesmo na caverna
Despertou o dia claro
Em u'a mata moderna
Recebendo a brisa fria
Aonde ninguém se inferna.

Valentão se levantou
Observou o outeiro
Viajou duzentas leguas
Em mata e despenhadeiro
Encontrou um índio velho
E pensou ser companheiro.

Mas o índio quando o viu
Já foi lhe mandando a flecha;
Valentão pegou as armas
Dizendo: Lá vai a mecha!
Da flecha e da besoureira
A serra se abria em brecha.

Em poucas horas de luta
O índio quasi sem vida
Lhe disse: Por Edileusa,
Minha luta está perdida!
Valentão disse: E você
Conhece minha querida?

Conheço, lhe disse o índio
E fui quem conduzi ela
Prá o reino do Monte Pindo
Lá fiz uma garça dela
Sou o monstro da caverna
Que a princesa estava nela!

Ela está noutra caverna
Mas, lá não se pode entrar
E de maneira nenhuma
Posso eu te ensinar
Apenas te indico a fonte
Onde ela vai se banhar.

E ambos saíram juntos
Na encosta da montanha
Enfim, chegaram à fonte
Que tinha beleza estranha;
Disse o índio: Esta é a fonte
Onde a princesa se banha!

De hoje a trinta e três dias
Ela vem a esta fonte
Transformada numa garça
Voando por sôbre o monte
Para vitória ou desgraça
Dessa vez você se apronte!

A garça é grande e bonita
Traz uma bola de ouro
Prêsa na ponta do bico;
Atire no brinde louro
A bola se rebentando
Desencanta êsse tesouro.

Porém, se você errar
Lhe virá grande desgraça:
Um gênio o mata afogado
E a fada encanta a garça
Tudo fica destruído
Num furacão e fumaça.

Deu a Valentão do Mundo
Arco e flecha que trazia
E sumiu-se de repente
Numa forte ventania
Estremecia a montanha
Que até a fonte gemia...

Valentão pegou a flecha
Atirou num gavião
A mil e quinhentos metros
Traspassou-lhe o coração
O passarinho caíu
Nos pés dêle, sem ação.

Riu-se Valentão do Mundo
E disse: Pode chegar
Garça, gênio ou o diabo
Com bola prá eu quebrar
Que mesmo sendo invisível
Com esta eu juro acertar.

VALENTÃO SE LEVANTOU
OBSERVOU O OUTEIRO
VIAJOU DUZENTAS LEGUAS
EM MATA E DESPENHADEIRO
ENCONTROU UM INDIO VELHO
E PENSOU SER COMPANHEIRO.



Nessa hora as verdes fôlhas
 Pelo vento flabeladas
 Recebiam os últimos raios
 De sol, naquelas quebradas
 E as áves das campinas
 Já procuravam pousadas!

Despontava a lua cheia
 Rasgando a crista do monte
 As plantas fechavam as fôlhas
 E sorria o horizonte
 Vendo os pobres vagalumes
 Guardarem a luz nessa fonte.

Valentão, quando deu fé
 Já estava numa chã
 Envolvido pela neve
 Como capuchos de lã
 Dando sinal que a princesa
 Chegava pela manhã.

Devido o grito d'aurora
 Fugiu a noite sombria;
 A fonte silenciou
 Soprava a brisa macia
 O sol abriu as cortinas
 Da residência do Dia.

O dia dando seu brado
 Fugiu a escuridão;
 O sol espalhou seus raios
 Soprou, leve, a viração
 Valentão chegou na fonte
 Com arco e flecha na mão.

Apareceu uma garça
 De tamanho singular
 Surgira do horizonte
 E começou a baixar:
 Ele pegando no arco
 Tratou de se preparar.

Quando a garça aproximou-se
 Êle de flecha empunhada,
 Fez pontaria e soltou
 Foi a bola espatifada
 Desceu uma linda môça
 E um príncipe com uma espada.

Disse o príncipe a Valentão:
 Caboclo, você se apronte
 Prá morrer agora mesmo
 Que sangue corre na fonte;
 Sou o príncipe desta serra
 Com Edileusa no monte.

Valentão do Mundo, aí
 Prá êle falou assim:
 Na terra não há poder
 Que possa botar em mim;
 Não sofro do coração
 Não temo a espadachim.

E já foi pegando a flecha
 Com potência magnética
 O príncipe com a espada
 Cada qual com sua ética
 As mão dêles nessa hora
 Pareciam mola elétrica.

Ambos lutando, tombaram
 Da montanha dos rochedos,
 Do alto fizeram plano
 Arrancaram os arvoredos
 Pareciam dois leões
 Lutando sôbre os penedos!...

O príncipe botou-lhe a arma
 Que estremeceu a serra;
 Valentão disse: Sujeito,
 Na minha unha tu berra!
 Meteu-lhe a flecha no peito
 Que o cabra caiu por terra...

A princesa deu risada
 E o reino desencantou;
 O rei no mesmo momento
 A Valentão entregou
 Princesa, reino e coroa
 Bastante alegre ficou.

Veio a rainha também,
 Duas irmãs encantadas
 Passaram com Valentão
 Duas horas abraçadas
 Da surpresa e alegria
 Ficaram ambas pasmadas.

Tudo a Valentão contou
 Como tinha viajado
 Numa montanha caçando
 E o rumo tinha errado
 Porisso havia saído
 Num grande monte escarpado.

Contou da luta que teve
 Como na caverna entrou
 Disse a história direita
 Da forma que se passou
 Até a hora bendita
 Que ao reino desencantou.

Mandou buscar os seus pais
 Após muitos dias chegaram
 Os conselheiros do reino
 Com êles se abraçaram
 E na presença do rei
 O casamento trataram.

Mas três dias depois
 Aos pés duma Semi-Deusa
 Que nêsse reinado havia
 Mais conhecida por Creusa
 Casou Valentão do Mundo
 Com sua bêla Edileusa.

*AMBOS LUTANDO, TOMBARAM
 DA MONTANHA, DOS ROCHEDOS,
 DO ALTO FIZERAM PLANO
 ARRANCARAM OS ARVOREDOS
 PARECIAM DOIS LEÕES
 LUTANDO SÔBRE OS PENEDOS!...*



E ficou no Monte Pindo
Sendo ali imperador
Gozando a lua de mel
Nos braços do seu amor
Relembrando o seu passado
No mais risonho esplendor.

Morreu o príncipe atrevido
Assim a história diz
Nunca mais houve questão
O Valentão foi feliz
E reinou com sua espôsa
Legítimo rei do país.

Provei que o homem valente
Encontra muita vitória
Readquire fortuna
E guarda ela em memória
Instrui ao menos sabido
Recupera ato perdido
Ama e fica em tôda glória.

★

SUSPIROS DE UM SERTANEJO

★

*Sentimento de qualquer um sertanejo que se
acha distante do seu sertão.*

Oh! Meu Deus, Chefe e Amigo,
Ajudai-me em meu desejo
Para rever minha terra
Há tempos que não a vejo;
Ao menos rimar em versos
Suspiros dum Sertanejo!...

No sertão é onde tem:
Arvoredo, pedra e fonte
E' onde se vê melhor
As linhas do horizonte
E as correntes cristalinas
Nas cachoeiras do monte!...

Ali, de fato, não tem
Areia fina nem praia
Porém, tem o papagaio,
A peitica e a jandaia;
O pereiro e a jurema,
Mufumbo e jarimataia!

Ali, em noites de lua,
Anda-se no taboleiro,
Cheirando aroma das flôres
Do pau-d'arco, do pereiro
Leve vento sibilando
Nas fôlhas do marmeleiro!...

Nos rios, pelo inverno,
Se vê traíra e piabas;
Nos outeiros arenosos
As pretas jaboticabas,
Maiores que os comatins
E semelhante às quixabas.

As águas impetuosas
Desabando das ribanceiras
A água faz corrupio
Na queda das cachoeiras;
Abelhas sorvendo o mel
Nas flôres das caibeiras...

Vê-se a folhagem tão verde
Como telas diviniais
Mostrando as belas cortinas
Nos momentos matinais
Como santa cobertura
Na copa dos vegetais!

Assim que nasce a manhã
Do seio da branca aurora
Os passarinhos gorgem
Por entre os galhos da flora
Quem já viu aquêlê quadro
Estando distante, chora.

Nas porteiras dos currais
Aonde tem vacaria
Toma-se leite bovino
O peito sente alegria
Não existe ali tristeza
Só amor e harmonia.

Soltam-se os lindos bezerros
Que vão fazer as mamatas
Êles alegres pinotam
Pulando, entram nas matas;
Aboia-se a vacaria
Livrando-a das cataratas.

Às quatro horas da tarde
Todo gado vem chegando
Sela-se belo cavalo
Montado, sai galopando
Ajuntando uma a uma
A vaca que vai faltando.

Daí a poucos momentos
Quem estiver no terreiro
Ouve bastante penoso
O abôio do vaqueiro
Trazendo o gado ao curral
Do seu patrão, fazendeiro.

As águas, pelo inverno,
Deslizam na cordilheira;
A tarde morre sorrindo
E surge a noite fagueira
E' quando pára o estalo
Da vagem da catingueira.

As cabras, pelos serrotes,
Começam se agasalhar;
No crepúsculo vespertino
Vêm os cabritos mamar
Terríveis pais de chiqueiro
Não deixam de bodejar.

Logo assim que anoitece
Vamos tratar de cear
Coalhada com carne assada
E depois vamos pescar
Nos rios ou nos açudes
Vê-se o peixe fervilhar...

A lua daí a pouco
Aparece no outeiro
Fazendo debrum de ouro
Na orla do nevoeiro;
Vê-se num riso celeste
As estrêlas do Cruzeiro!

Depois aparece Vénus
Com sua luz singular
Parece uma cruz divina
De nome estrêla do mar
Tem a luz firme, serena;
Não gosta de cintilar.

Sai de casa o caçador
Com cachorro perdigueiro
Caçando paca, tatú
E peba no taboleiro
Espirra louco o veado
Da sombra do umbuseiro.

Passa mansa a brisa morna
Canta o galo, o bode berra;
Acauã faz seu agouro
Na quebrada duma serra;
Nunca hei de me esquecer
Das cenas daquela terra!

Late o cão atrás da caça
Grita alto o caçador
O tatú corre prá tóca;
No salão, o tocador
Corre o dedo na sanfona
Tomando cana e licor!...

Reza o padre na capela
No exercício divino
O sino alto repenica
As cantoras cantam hino
Adora-se ajoelhado
Dando vivas ao Deus-Menino.

Enquanto nos cemitérios
Os mortos têm seus repouso
Nas fazendas povoadas
Juntam-se homens jacôso
Contando história, romance
Aos jovens curiosos.

Tarde, bem tarde da noite
Se agasalha o lavrador
Dansa a môça no salão,
Chega em casa o caçador
Gemendo ao pêso das caças
Mas, não têm outro temor.

Meia noite, toca o sino
Na capelinha local;
O vento agita de leve
Tôdas as fôlhas campal
Os galos cantam saudoso
Até à luz matinal.

No campo tôdas as árvores
Têm as galhadas rasteiras;
Como bem as oiticicas
E as bonitas caibeiras;
As grandes jarimataias
E frondosas ingaseiras...

Silência na cascata
A corrente que desliza
E nos mocambos da serra
Encana macia a brisa
A natureza se bole
E tudo se suavisa!

Afasta-se o nevoeiro
Aparece o firmamento
Com dez trilhões de estrêlas
Sorrindo em contentamento
Ao nascer da madrugada
Cicia macio o vento.

Fica tôda a natureza
Pronta, alegre, decidida
Em reverência ao Autor
Que com sua mão erguida
Não dorme, também não morre
Por ser o Senhor da Vida.

Até quatro da manhã
Tôda a terra silêncio
Mas, nasce rindo a aurora
Nos trazendo a flor do dia
Da flor aparece o sol
Senhor de tôda alegria.

Tudo é paz, tudo é amor;
Tôda mulher é bonita
Todo homem é um amigo
Todo coração palpita
O tempo passa ligeiro
Como na tela uma fita.

E' belo se observar
Nas terras do meu sertão:
Uma noite de luar
Uma festa de São João;
Um brinquedo de Natal
E um dia de apartação!...

Tudo ali, naquela terra
E' paz, é luz e amor;
A lua tem mais beleza
Tem o sol mais esplendor
A água é mais saborosa
Tem mais perfume a flor.

Oh! Quanto é belo se ver
Um pau-d'arco bem florado!
Um pereiro, pela festa,
Bonita e bem enfolhado
Todo branquinho de flôres
Sem o chão estar molhado.

Parece um bouquet de noiva
Na mão de linda donzela
As orlas são como os ombros
De uma menina bela
A crista tem semelhança
Dumã divinal capela.

O perfume invade o campo
Igual um jardim divino
Ali os pássaros gorgeiam
Do maior ao pequenino
Diz o bem-te-vi: Tá vivo!
Pousado sôbre um bovino!

Canta o sapo na lagoa
Na noite de invernada;
Mia o gato no penhasco
Ao descer a enxurrada;
Saltita o galo da serra
Fica alegre a passarada.

Nas águas, no meu sertão,
Retumba alto o trovão
A neve cobre os outeiros
Une-se baixa com o chão
A núvem passa baixinha
Como que faz saüdação.

A flor exala o perfume
Voa alegre o beija-flor;
A flora dá um sorriso
Dando frutas de sabor
Fartando animais e homens
Servindo ao Pai Criador.

Quando disso me recordo
Do peito arranco um suspiro
Entristece a pobre alma
Por viver neste retiro;
Nas noites de lua olho
Prá lá e aponto o giro.

Porque o pobre emigrante
 Não pode ter um desejo
 De tomar leite em curral
 Comer saboroso queijo
 Tudo faz sair suspiros
 Do peito do sertanejo.

Porque quando falta chuva
 Ali só fica a tristeza
 Acaba-se a alegria
 Desaparece a beleza
 E pela falta do inverno
 Chora tôda a Ntureza...

O sertanejo se obriga
 A deixar o seu rincão
 Em busca de outras terras
 Sem a menor proteção
 Passando fome e nudez
 Na pior situação.

Pega o jumento que tem
 Nêle bota uma cangalha
 Veste seu traje de mescla
 Bota seu chapéu de palha
 Amarra seu papagaio
 E do sertão se desgalha.

Puxando uma cabra velha
 E' que a mulher se ocupa
 Com um menino no braço
 E dois ou três na garupa;
 Às vêzes, devido a sêde
 Raiz de umbuseiro chupa.

E seguem de estrada afora
 Os filhos esfarrapados
 A espôsa semi-nua
 Os pés descalços, inchados;
 A mulher puxa o jumento
 O homem atrás nos costados.

Os garôtos, coitadinhos
 Sem ter sapatos nos pés;
 Nús e crús, estropeados,
 Em número de oito ou dez;
 E assim o sertanejo
 Sofre episódios cruéis.

O vendo assim, já se sabe
 Não choveu lá no sertão
 Porisso êle abandonou
 O seu querido torrão
 Em procura doutra terra
 Que possa arranjar o pão.

Vai para o Rio ou São Paulo
 Com aquela filharada
 No mais extremo sofrer—
 Entulhando tôda estrada
 Pensando na sua terra
 Que ficou muito afastada.

Que vida sacrificada!
 Sem leite, coalhada e queijo;
 Sem abrigo, sem pousada;
 Diz o homem no traquejo:
 Tudo isto são suspiros
 Do peito dum sertanejo.

Viaja o dia e a noite
 Sem a menor esperança
 Fugindo da grande sêca
 A fim de ver se alcança
 Um abrigo prá família
 Em Deus tendo confiança.

Chegando num pontilhão
 Arrancha-se prá dormir
 Em tôrno reúne os filhos
 Sai a mulher a pedir
 Alguma coisa nas casas
 Para a família remir.

Enquanto isso os filhinhos
 No relento estão chorando
 Cançadinhos e com fome
 -Fica o pai os consolando
 A mulher triste, coitada
 De porta em porta implorando.

Um lhe dá um gerimú
 Outro lhe dá um melão,
 Milho, batata e arroz.
 Farinha, carne e feijão.
 Volta ela bem contente
 Trazendo a trouxa na mão.

E chegando encontra os filhos
 Um de pé, outro deitado;
 O marido acalentando
 O que vem adoentado;
 O mais fraco está dormindo
 Um chorando, outro sentado...

Ela chega, coitadinha
 Com o "bagúio" que pediu
 Alimenta seus filhinhos
 Com o que adquiriu;
 O marido paciente
 Ali não dá um psiu!...

E assim nêsse sofrer
 Começa o velho a chamar;
 Os filhos ouvindo aquilo
 Também começam chorar;
 A mulher se maldizendo
 Chora para se acabar.

Diz o velho: Ah! O meu tempo
 Que eu era môço solteiro!
 No ano bom de inverno
 Não me faltava dinheiro
 Gordo, forte, bem vestido
 Meu pai era fazendeiro!...

Hoje me resta saudade:
 Meu velho pai faleceu;
 Minha mãe já se acabou
 E meu gado pereceu
 Maltratado pela sêca
 O derradeiro morreu!...

Tangido pelo amor
 Com Helena me casei;
 Em seis anos eu perdi
 O que em oito lucrei;
 Só a família aumentou
 E nada mais arranjei...

Quando em tempo de solteiro
 Eu tinha cabra e ovelha;
 Saía pelos serrotes
 Sòzinho ou de parrelha
 Caçando tatú, mocó,
 Preá e mel de abelha.

Na umburana esgalhada
 Via logo uma "amarela"
 A tubiba, a jandaira,
 Ou mosquitinho "remela"
 Mandassaia, môça-branca,
 Eu ia e tirava ela.

Cinco ou seis litros de mel
 Eu tirava bem, talvez;
 Regressava para casa
 E só voltava outra vez
 Daí quinze ou a vinte dias
 Ou, às vêzes, daí um mês!

Ao sair para a caçada
 No baixío ou tableiro
 Em poucas horas trazia
 Tatú-bola e verdadeiro,
 Cutia, tamanduá
 E um macaco de cheiro.

Indo ao rio ou à lagôa
Pela parte da manhã
Pescava tupunaré,
Traíra e curimatã;
Na tarde me ocupava
Com marreca e jaçanã.

A vida ali era um riso
O tempo breve passava
Tôda môça me queria
O inverno não faltava;
Tinha fartura abundante
De tudo que se plantava.

Hoje me veio o revés
Nada pude adquirir
Porque depois que casei-me
Não pude mais progredir
Faltou a chuva no chão
Destruiu-se meu porvir.

Ando por aqui penando
Como desaventurado;
Às vêzes, no mato durmo
Como triste abandonado
Como já na desventura
Sem por ninguém ser lembrado.

A mulher magra, despida
Filhos a me aperrear
Não têm roupa, nem calçado
E' duro para comprar
Porque em parte nenhuma
Não arrumo o que ganhar!

Não desêspero da sorte
Pelo divino lampejo;
Me vem a recordação
Do que nunca mais eu vejo.
São suspiros extraídos
Do peito d'um sertanejo!

Quando vem rompendo o dia
Que eu começo a pensar
O que sofri na viagem
Até ver êste lugar.
Minha terra... Minha terra...
O meu consôlo é chorar!

À tarde olho pró norte
Me lembro do meu rincão
Dos olhos me descem prantos
Não tenho consolação
Suspiros de um sertanejo
Nascem do meu coração!

Aqui, do berço distante;
Sem amor e sem carinho
Aperreado da vida
No mais triste desalinho;
Ouvindo o trovão voava
Como se fôsse um passarinho.

Mesmo sêco o meu sertão
Me dava grande consôlo;
Aqui, inda tendo tudo,
Minha mão só leva bôlo;
Meu anjo está no norte
Meu crâneo não tem miôlo.

À noite nada me alegre,
Nada me mato o desejo;
Quizera ver meu sertão
Faz tempos que não o vejo
São suspiros arancados
Do peito d'um sertanejo!

Me deito para dormir
Luto mais, não tenho sono
Daqui escuto distante
Do meu sertão o ressono;
Na minha rêde sentado
Me julgaria num trono.

Migrando de minha terra
Vivo como caranguejo
De longe a ela eu saúdo
Pois sei que jamais a vejo
Soluço e tiro suspiros,
Suspiros d'um sertanejo!...

Morrerei com os meus filhos
Aqui bem longe da terra
Natal onde me criei
Onde não existe guerra;
Expondo rude poema
Lembrando de minha serra.

Procuerei andar no mundo
Embora sem ter desejo
Reuní minha família
Enfrentei duro traquejo
Inspirei-me na verdade
Rimei por necessidade
A vida de um sertanejo.



7776

ALGUMAS EDIÇÕES PRELÚDIO

O PRINCIPE FORMOSO — Comovente história de uma jovem que luta para conquistar o amor de um lindo príncipe encantado. Seu amor dá-lhe forças tremendas, e faz com que a linda jovem consiga seu objetivo. Em versos.

BERNARDO E GENEVRA — História de uma curiosa aposta entre amigos sobre a honestidade das mulheres. Bernardo deixa levar-se pela insídia e traição do amigo e abandona a esposa fiel, certo de que as circunstâncias que a acusavam eram reais. Em versos.

OS SOFRIMENTOS DE ALZIRA — Alzira, virgem sonhadora e linda, tem um destino cruel e um amor impossível. Sofre resignadamente, e sua vida é um romântico rosário de dores e sofrimentos. Uma história comovente capaz de provocar lágrimas. Em versos.

ENCONTRO DE CANÇÃO DE FOGO COM PEDRO MALAZARTE
Os dois mais famosos personagens do mundo da lenda encontram-se num temível desafio de astúcia e esperteza. Ninguém pode dizer qual dos dois é mais esperto. Uma luta de inteligência entre dois vultos assombrosamente famosos. Em versos.

PELEJA DO FILHO DO CEGO ADERALDO COM O FILHO DO ZÉ PRETINHO — Quem sai aos seus não degenera, diz um ditado popular. Os filhos de dois famosos heróis entram em desafio, e pela astúcia que demonstram revelam que saíram aos pais. Em versos.

O CACHORRO DOS MORTOS — Romance acontecido no ano de 1806, no tempo do Império, no Estado da Bahia. Um crime que abalou todo o território bahiano e um cão fiel à seus donos descobriu o criminoso.

VIDA E TRAGÉDIA DO PRESIDENTE VARGAS — História em versos do famoso presidente, que tantas glórias deu ao nosso Brasil.

GUIA DOS NAMORADOS — Livro completo, contendo instruções para todos os casos de apaixonados. Tímidos, desembaraçados e nervosos. Um livro útil e moderno.

Si não encontrar com seu vendedor alguma de nossas publicações, dirija seu pedido para a **EDITORA PRELÚDIO LTDA.**
Rua Ipanema, 772 — Fone 9-1374 — São Paulo